

Janeiro a março de 1897

PRISÃO DE READING

A lord Alfred Douglas¹

Caro Bosie,

Depois de muito ter esperado em vão, decidi-me a escrever-te, tanto para teu bem como para o meu, pois não gostaria de pensar que passei dois longos anos na prisão sem ter recebido uma única linha tua, tão-pouco notícias ou mensagens, a não ser aquelas que me causam dor.

A nossa infeliz e lamentável amizade acabou por me trazer a ruína e a infâmia pública. Lembro-me contudo da nossa velha afeição e entristeço ao pensar que a falta de tolerância, a amargura e o desprezo irão ocupar o lugar do amor que existia no meu coração. E tu, no teu coração sentirás, assim o penso, que o facto de me escreveres enquanto estou na solidão da vida do cárcere é bem melhor que publicar as minhas cartas sem o meu consentimento, ou o dedicar-me poemas que não pedi, embora nunca se chegue a saber quais as palavras de dor ou paixão, remorso ou indiferença que venhas a escolher para me enviares como resposta ou apelo.

Não duvido que nesta carta, em que terei de escrever sobre a tua e a minha vida, sobre coisas amoráveis que se tornaram em

amargura e sobre as amargas que poderão tornar-se em alegria, haverá muita coisa que irá ferir a tua vaidade no mais alto grau. Se assim for, relê a carta uma e outra vez até que a tua vaidade esteja morta. Se nela encontrares algo de que te sintas injustamente acusado, lembra-te de que devemos estar agradecidos por haver um erro de que possamos ser injustamente acusados. E se nela houver uma só passagem que te traga as lágrimas aos olhos, chora como choramos na prisão, onde tanto o dia como a noite nos dão a liberdade de poder chorar.

É a única coisa que te pode salvar. Se te queixares à tua mãe, como fizeste em relação ao desdém que manifestei por ti na minha carta a Robbie, para que ela te adule e acalme o teu amor-próprio e a tua vaidade, então estás completamente perdido.

Se encontrares uma falsa desculpa, em breve encontrarás centenas doutras e continuarás a ser precisamente o que eras. Ainda dizes, como fizeste na tua resposta a Robbie, que te «*imputo motivos indignos*»? Ah! Tu não possuías quaisquer objetivos na vida; só tinhas meros apetites. Um objetivo é uma aspiração intelectual. Que eras «*muito novo*» quando a nossa amizade começou? O teu defeito não residiu no facto de saberes pouco da vida, mas no de saberes demasiado. Há muito deixaras já para trás o raiar da adolescência com as suas tonalidades delicadas, a sua luz clara e pura e as alegrias da inocência e da expectativa.

Passaste do Romance ao Realismo com pés muito ágeis e velozes. A valeta, e tudo o que nela vive, começaram a fascinar-te. Isso foi a origem do aborrecimento pelo qual procuraste a minha ajuda, a qual, desprezando os cânones da sabedoria deste mundo, que não consideram nem a piedade nem a bondade, estupidamente te dei.

Deves ler esta carta de um só fôlego e de ponta a ponta, mesmo que cada palavra se possa tornar no fogo ou no bisturi do cirurgião, que queima ou faz sangrar a carne delicada. Lembra-te de que o louco aos olhos dos deuses e o louco aos olhos dos homens é muito diferente. Aquele que ignora completamente o método das Artes na sua revolução ou os diferentes modos do pensamento no seu progresso, a pompa do verso latino ou a rica musicalidade da poesia grega, a escultura da Toscana ou a canção isabelina, pode, contudo,

estar cheio de doce sabedoria. O verdadeiro louco, que os deuses desfiguram e escarnecem, é aquele que não se conhece a si próprio.

Há muito tempo fui um deles. Tu, desde há muito que o és. Não continues a sê-lo. Nada receies. O pior dos vícios é a frivolidade. Tudo o que fazemos está certo. Lembra-te também de que o que é para ti desagradável de ler o é também para mim de escrever. Os Poderes Ocultos têm sido contigo altamente magnâ-nimos: têm permitido que vejas as formas estranhas e trágicas da Vida como se fossem sombras num cristal; permitiram que só no espelho visses a cabeça de Medusa, que torna os seres vivos em pedra. Tens passeado livre entre as flores. A mim tiraram-me o belo mundo da cor e do movimento.

Começarei por dizer-te que me condeno terrivelmente. Sentado nesta cela escura, com roupas de presidiário, homem desgraçado e arruinado, censuro-me a mim próprio. Nas noites cheias de angústia, agitada e espasmódica, nos dias de dor, longos e monótonos, só para mim tenho censuras. Censuro-me por ter permitido que uma amizade não intelectual, uma amizade cujo fim primeiro não foi a criação e contemplação das coisas belas, dominasse inteiramente a minha vida. Uma lacuna demasiado grande existiu entre nós desde o princípio. Foste um preguiçoso na escola, e pior que mandrião todo o tempo da universidade. Não comprehendeste que um artista, e especialmente um artista como eu, cuja qualidade das obras depende da intensificação da personalidade, requer para o desenvolvimento da sua arte a camaradagem de ideias e também uma atmosfera intelectual de calma, paz e solidão. Admiraste o meu trabalho quando terminado; gozaste o grande sucesso das minhas noites de estreia e os brilhantes banquetes que se seguiram; orgulhaste-te, o que é natural, de ser o amigo íntimo de um artista tão conhecido e admirado, mas não conseguiste compreender as condições requeridas para a produção de um trabalho artístico.

Não uso frases de retórica exagerada, mas termos de verdade absoluta em relação a factos reais quando te lembro que durante o tempo que estivemos juntos não escrevi uma só linha. Quer estivesse em Torquay, Goring, Londres, Florença ou qualquer outra parte, a minha vida era completamente estéril e improdutiva des-

de que estivesses comigo. E, se bem que lamente dizê-lo, estavas quase sempre ao pé de mim.

Lembro-me, por exemplo, só para relatar um caso entre muitos, de que em setembro de 93 aluguei determinados aposentos unicamente para poder trabalhar sem ser incomodado e afinal tive de desfazer o contrato com John Hare, a quem prometera escrever uma peça que me exigia com a maior urgência. Durante a primeira semana mantiveste-te afastado. Tínhamos, como de costume, diferido bastante sobre o valor artístico da tua tradução de *Salomé*. Contentaste-te em enviar-me cartas ridículas sobre o assunto. Nessa semana escrevi e revi pormenorizadamente, como veio afinal a ser representado, o primeiro ato de *Um Marido Ideal*. Na segunda semana voltaste, e praticamente tive de desistir. Todas as manhãs eu chegava a St. James às 11h30 para poder pensar e escrever sem as interrupções que existiam no meu lar, pois aquela era uma casa muito calma e tranquila. Contudo, esta tentativa foi vã. Ao meio-dia vinhas de carro e ali ficavas fumando e tagarelando até às 13h30, hora em que tinha de levar-te a almoçar ao Café Royal ou ao Berkeley. O almoço e os competentes *liqueurs*² arrastavam-se geralmente até às 15h30. Ias então durante uma hora para o White's. À hora do chá aparecias outra vez, e ficavas até que fossem horas de nos vestirmos para o jantar. Jantavas comigo no Savoy ou na Tite Street. Por regra não nos separávamos antes da meia-noite, pois que a ceia no Willis tinha de fechar aquele dia tão encantador. Eis a vida que levei durante aqueles três meses, exceto nos quatro dias que estiveste fora. Nessa altura, evidentemente, tive de te ir buscar a Calais. Para uma pessoa com a minha natureza e o meu temperamento, era uma posição ao mesmo tempo grotesca e trágica.

Já o comprehendeste, certamente? Deves ver agora que a tua incapacidade de estar sozinho, a tua natureza tão exigente na persistente reclamação da atenção e tempo dos outros, a tua falta do mais pequeno poder de firme concentração intelectual, a infeliz casualidade — pois quero pensar que nada mais foi — de não teres sido ainda capaz de adquirir a «têmpera de Oxford» em assuntos de natureza intelectual — quero com isto dizer que

nunca conseguiste utilizar harmoniosamente as ideias e que, e isso sim, unicamente acabaste por adquirir impetuoso pontos de vista; tudo isto aliado ao facto de os teus desejos e interesses se firmarem mais na Vida do que na Arte foi tão destrutivo para o teu progresso na cultura quanto o foi para mim, no meu trabalho como artista.

Quando comparo a amizade que tive por ti com a minha amizade com jovens como John Gray e Pierre Louÿs, sinto-me envergonhado. A minha vida verdadeira, a minha vida mais elevada, era com eles e de acordo com eles.

De momento não falo nos pavorosos resultados da nossa amizade. Penso unicamente na sua qualidade enquanto durou. Foi para mim intelectualmente degradante. Tinha os rudimentos de um temperamento artístico em germe, mas encontrei-te ou demasiado tarde ou demasiado cedo, não sei. Quando estavas longe, sentia-me perfeitamente. Nos princípios de dezembro do ano a que tenho estado a referir-me, quando convenci a tua mãe a mandar-te sair de Inglaterra, retomei a teia emaranhada e confusa da minha imaginação, retomei as rédeas da minha própria vida, e não só acabei os três atos que faltavam de *Um Marido Ideal* como concebi e quase acabei outras duas peças de tipo completamente diferente, a *Tragédia Florentina* e *La Sainte Courtisane*. Porém, inesperadamente, indesejado e em circunstâncias fatais para a minha felicidade, voltaste. Já não fui capaz de terminar as duas obras que deixara inacabadas; não pude recobrar a disposição que as criara. Agora, depois de haveres publicado um volume de versos, estás apto a reconhecer a verdade de tudo o que disse aqui. Queiras ou não, isso permanece como uma verdade odiosa no seio da nossa amizade. Enquanto estiveste comigo foste a ruína absoluta da minha Arte. Permitindo-te permanecer persistentemente entre mim e a Arte, envergonhei-me e condenei-me a mim próprio da maneira mais ignóbil.

Não poderias saber, compreender ou apreciar. Não tinha o menor direito de esperar isso de ti. Os teus interesses centravam-se unicamente nas refeições e nas disposições de espírito. Os teus desejos dirigiam-se somente para diversões, para prazeres mais ou

menos ordinários. Era o que o teu temperamento exigia, ou pensava exigir, na altura. Devia ter-te proibido de entrar em minha casa e nos meus aposentos, salvo quando expressamente te convidasse. Condeno-me sem reservas pela minha fraqueza. Foi somente e apenas fraqueza. Meia hora em convívio com a Arte significou sempre muito mais para mim do que uma temporada contigo. Nada, em qualquer período da minha vida, foi realmente tão importante para mim como a Arte. Mas no caso de um artista, a fraqueza é pouco menos que um crime quando é essa própria fraqueza que nos bloqueia a imaginação.

Censuro-me ainda por permitir que me levasses a uma ruína financeira total e indigna. Lembro-me de uma manhã, nos princípios de outubro de 92, em que estive sentado com a tua mãe nos bosques amarelados de Bracknell. Nessa altura sabia muito pouco da tua verdadeira índole. (Passara contigo um fim de semana em Oxford. Ficaras comigo dez dias em Cromer, onde apenas jogaste golfe.) A conversa centrou-se em ti e a tua mãe começou a falar do teu caráter. Falou-me dos teus dois principais defeitos, a vaidade e o facto de seres, como disse, «*um leviâno em matéria de dinheiro*». Tenho uma recordação nítida de como ri; não fazia a menor ideia de que o primeiro me levaria à prisão e o segundo à bancarrota. Imaginei a vaidade como uma espécie de graciosa flor própria para ser usada por um jovem; quanto às extravagâncias económicas — pois pensei tratar-se apenas de extravagâncias —, não estava na minha natureza ou raça as virtudes da prudência e frugalidade. Mas ainda a nossa amizade não tinha um mês e comecei a aperceber-me de que a tua mãe tinha razão. A tua insistência numa vida de esbanjamento estouvado, os teus pedidos incessantes de dinheiro, as tuas reivindicações de que todos os teus prazeres deviam ser pagos por mim (quer estivesse ou não contigo), levaram-me dentro de algum tempo a sérias dificuldades financeiras. E o que fez que estas dissipações se tivessem tornado para mim, em qualquer caso, tão monotonamente desinteressantes à medida que a tua persistente garra se tornava mais forte, foi o facto de despenderes o dinheiro em pouco mais do que comer, beber e coisas semelhantes. De vez

em quando é uma alegria ter uma mesa cheia, com vinho e rosas, mas tu excedias todo o bom gosto e moderação. Pedias sem decoro e recebias sem agradecimentos. Começaste a pensar que tinhas uma espécie de direito de viver à minha custa no meio de imenso luxo, ao qual nunca foras acostumado, o que tornava os teus apetites mais ávidos. E, no fim de tudo, se perdias dinheiro ao jogo nalgum casino de Argel, limitavas-te a telegrafar-me para depositar a soma das tuas perdas na tua conta bancária e não davas mais importância ao assunto.

Se te disser que entre o outono de 1892 e a data da minha prisão despendi contigo para cima de 5000 libras em dinheiro atual, sem levar em consideração as contas que assinei, farás uma ideia da espécie de vida que insistias em levar. Pensas que exagero? As minhas despesas normais contigo, um dia normal em Londres — almoço, jantar, ceia, divertimentos, carro e tudo o resto —, iam de 12 a 20 libras e, como é evidente, as despesas da semana eram naturalmente em proporção e andavam entre 80 e 130 libras. Nos três meses que passámos em Goring, as despesas (com a renda incluída) foram de 1340 libras. Passo a passo, tive de examinar todos os aspetos da minha vida com o síndico das Falências. Foi horrível. «*Vida simples e pensamentos elevados*»³ era, evidentemente, um ideal que na altura não poderias ter apreciado, mas tal dissipaçāo foi uma desgraça para ambos. Um dos jantares mais maravilhosos de que me lembro foi o que Robbie e eu tivemos num pequeno café do Soho e cujo preço foi de tantos xelins quantas libras os teus jantares costumavam custar. Deste jantar com Robbie surgiu um dos meus melhores diálogos. Ideia, título, tratamento, estilo, tudo foi esboçado numa *table d'hôte*⁴ por 3,50 francos. Dos estou-vados jantares que tive contigo nada ficou a não ser a recordação do muito que se comeu e bebeu. A minha submissão aos teus pedidos foi prejudicial para ti. Sabe-lo agora. Tornou-te muitas vezes ávido, por vezes até sem escrúpulos e sempre desagradável. Em raras ocasiões se sentia um pouco de alegria ou privilégio em ser teu hóspede. Esqueceste não direi a delicadeza formal do agradecimento, pois que cortesias formais constrangirão uma amizade íntima, mas o doce encanto da companhia, da conversa agradável,